

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**PATRICIA ELLER MAYER  
TALITA ALBUQUERQUE CORREIA**

**A PÓS-MODERNIDADE EM *A PRIMEIRA MULHER E CHÁ DAS CINCO*  
*COM O VAMPIRO***

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURITIBA  
2015**

**PATRICIA ELLER MAYER  
TALITA ALBUQUERQUE CORREIA**

**A PÓS-MODERNIDADE EM *A PRIMEIRA MULHER E CHÁ DAS CINCO  
COM O VAMPIRO***

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial de obtenção de título de  
licenciado em Letras Português/Inglês, da  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Professor: Prof. Dr. Rogério Caetano de  
Almeida  
Co-orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Naira de Almeida  
Nascimento

**CURITIBA  
2015**



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Câmpus Curitiba – Diretoria de Ensino  
Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação  
Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas  
Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês



---

## TERMO DE APROVAÇÃO



**NIDADE EM A PRIMEIRA MULHER E CHÁ DAS CINCO COM O  
VAMPIRO**

por

---

**PATRICIA ELLER MAYER**

**TALITA ALBUQUERQUE CORREIA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado no dia doze de Fevereiro de 2015, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

**Rogério Caetano de Almeida**

**Prof.(a) Orientador(a)**

---

**Naira de Almeida Nascimento**

**Prof.(a) Co-orientadora**

---

**Noemi Henriqueta Brandão de Perdigão**

**Membro titular**

---

**Márcio Matiassi Cantarin**

**Membro titular**

**- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -**

Dedicamos esse trabalho as pessoas que ao longo desse percurso nos apoiaram, compreenderam e ajudaram. A todos aqueles que estiveram ao nosso lado dizemos o nosso imenso obrigada. Essa dedicatória vai ao nosso orientador e nossa co-orientadora por nos escolher e não deixar de acreditar na nossa capacidade bem como aos nossos amigos, namorados, familiares, pais e mães por serem carinhosos, compreensivos e pacientes durante esse período.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho.

Aos nossos familiares e namorados que compreenderam nossa ausência e nos apoiaram durante todo o curso.

Somos gratos, primeiramente a nossa co-orientadora, Naira de Almeida Nascimento que nos encorajou e nos guiou nessa longa jornada, e sempre esteve ao nosso lado e ensinou-nos tanto sobre Literatura.

Agradecemos igualmente ao nosso orientador, Rogério Caetano de Almeida por ter aceitado trabalhar conosco e nos orientar nesse caminho.

A professora Noemi Henriqueta Brandão de Perdigão por compor a nossa banca e nos auxiliar em nossas dúvidas, fornecendo sugestões e ideias.

Ao professor Márcio Matiassi Cantarin por compor a nossa banca e pelos conhecimentos compartilhados conosco ao longo do curso.

Ao professor Roberlei Bertucci por estar sempre disposto a tirar nossas dúvidas e nos ajudar.

A todos os professores do curso de Letras, do DALIC e DALEM, pela dedicação, por todo o conteúdo e por todas as lições que nos transformaram.

Aos nossos colegas de sala, pela ajuda, apoio, risadas e momentos de distração em situações difíceis ao longo do curso.

Por fim, agradecemos aos colegas que na mesma situação que nós nos encontramos demonstraram interesse e apoio ao nosso trabalho.

“A literatura antecipa  
sempre a vida.  
Não a copia,  
amolda-a aos  
seus desígnios.”

*Oscar Wilde*

## RESUMO

MAYER, Patricia Eller; CORREIA, Talita Albuquerque. **A pós-modernidade em *A Primeira Mulher e Chá das Cinco com o Vampiro***. 2015, 60. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português/ Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

O objetivo do presente trabalho é analisar os traços da Pós-Modernidade expressos nos romances *A Primeira Mulher* (2008) e *Chá das Cinco com o Vampiro* (2010), ambos do escritor paranaense Miguel Sanches Neto. A partir da apresentação de algumas das concepções de Pós-Modernismo e de Pós-Modernidade, o estudo pretende focar o comportamento e as trajetórias de seus protagonistas, a saber Carlos Alberto Pessoa e Beto Nunes como protótipos do alheamento e da dispersão do sujeito pós-moderno. Essa alienação evidencia-se tanto nas relações sociais como no campo profissional, o que se torna mais patente através da análise metaficcional dos textos, uma vez que ambos personagens se identificam como produtores literários. Como suporte teórico, serão utilizados os conceitos principalmente de Marshall Berman, Zygmunt Bauman e Stuart Hall e Linda Hutcheon.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Literatura paranaense. Miguel Sanches Neto. Contemporaneidade.

## ABSTRACT

MAYER, Patricia Eller; CORREIA, Talita Albuquerque. **A pós-modernidade em *A Primeira Mulher e Chá das Cinco com o Vampiro***. 2015, 60. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português/ Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

The objective of this study is analyze the features of Post-Modernity expressed in the novels *A Primeira Mulher* (2008) and *Chá das Cinco com o Vampiro* (2010), both of the paranaense writer, Miguel Sanches Neto. From the presentation of some of the ideas of Postmodernism and Post-Modernity, this academic work aims to focus on the behavior and trajectories of its protagonists, named Carlos Alberto Pessoa and Beto Nunes as alienation of the prototypes and the dispersion of the Postmodern subject. This alienation is evident both in social relations and in the professional field, which becomes more apparent through the metafictional analysis of these texts, since both characters are identified as literary producers. Will be used as theoretical support the concepts of Marshall Berman, Zygmunt Bauman and Stuart Hall and Linda Hutcheon.

**Key-words:** Postmodernity. Paranaense literature. Miguel Sanches Neto. Contemporaneity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. A PÓS-MODERNIDADE E SUAS DIVERSAS DEFINIÇÕES</b> .....	12
2.1 A PÓS-MODERNIDADE PARA COMPAGNON .....	12
2.3 A PÓS-MODERNIDADE PARA BAUMAN .....	16
2.4 A IDENTIDADE PÓS-MODERNA DE HALL .....	17
2.5 A METAFICÇÃO .....	26
<b>3. O AUTOR E SUAS OBRAS</b> .....	29
<b>3.1 A PRIMEIRA MULHER</b> .....	29
3.1.1 A IDENTIDADE PÓS-MODERNA .....	31
3.1.2 O HOMEM E A CIDADE .....	34
3.1.3 A LITERATURA .....	35
3.1.4 A SEXUALIDADE .....	37
<b>3.2 CHÁ DAS CINCO COM O VAMPIRO</b> .....	39
3.2.1 A IDENTIDADE PÓS-MODERNA .....	40
3.2.2 O HOMEM E A CIDADE .....	44
3.2.3 A LITERATURA .....	46
3.2.4 A SEXUALIDADE .....	50
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	52
<b>5. ANEXOS</b> .....	55
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	57

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações do homem pós-moderno retratado nas obras *A Primeira Mulher* (2008) e *Chá das Cinco com o Vampiro* (2010), de Miguel Sanches Neto. O foco da análise deve-se a três fatores: explorar sobre os conceitos de Modernidade e Pós-Modernidade, tendo como base as obras de Berman, Bauman, Compagnon e Hall, e, também, investigar a metaficcionalidade nesses romances e como a literatura é pensada por eles.

Em *A Primeira Mulher*, Carlos Eduardo é um professor universitário solteirão de quarenta anos que está em uma busca contínua por aventuras eróticas com mulheres que possuem a metade da sua idade. Como o próprio personagem define, esses são momentos de prazer, sem envolvimento amoroso, que têm como finalidade apenas levá-lo de volta a uma juventude já esquecida e ultrapassada. É através desses instantes que transbordam um sentimentalismo supérfluo, frio e sem afeto que podemos notar uma ausência de uma durabilidade nos relacionamentos do personagem, o que nos leva a crer na existência de um individualismo constante na vida desse homem, que exemplifica um dos comportamentos presentes na sociedade atual do século XXI, e que pode ser definida como erma e solitária. Assim como em *A Primeira Mulher* (2008), conseguimos constatar que essa constância que denota isolamento está presente também em seu livro denominado *Chá das Cinco com o Vampiro* (2010).

*O Chá das Cinco com o Vampiro* (2010) é uma narrativa de um aspirante a autor da cidade de Peabiru que após alguns anos vem a Curitiba e torna-se um discípulo do famoso autor Geraldo Trentini. Como a narração ocorre em primeira pessoa, notamos que o protagonista, Beto, tenta deixar seu passado em sua cidade natal para trás, deixando assim de lado qualquer relação com a sua família da qual no passado tinha vergonha. Mas após algum tempo percebe que a vida que projetou na capital paranaense não se concretizou. O que ele descobre na cidade de Trentini é que o círculo literário do qual ele sempre quis fazer parte é na verdade uma roda de mesquinhez e inveja, sendo também uma briga de egos entre os autores.

Com o advento das novas tecnologias que facilitam a comunicação de forma simultânea, o homem tende a isolar-se, pois não necessita ir até o outro para que a comunicação ocorra. Carlos e Beto são pessoas solitárias que saem da casa de seus

pais pelo desejo de viverem sozinhos. Esta mudança é observada quando antigamente os filhos apenas saíam da casa de seus pais quando iam casar, atualmente ocorre um comportamento divergente, característico dos tempos atuais. Como mencionado anteriormente, os protagonistas, apesar de procurarem uma forma de se tornarem distintos do comportamento costumeiro da massa atual, acabam se aproximando no quesito individualista da sociedade contemporânea.

A literatura contribui para a reflexão do homem sobre ele próprio e sobre a sociedade na qual vive. Ela auxilia na compreensão do homem pós-moderno e nas suas relações com o meio em que habita. Observamos que, nos livros aqui esmiuçados, os indivíduos têm dificuldades em suas relações interpessoais: assim, a forma como os personagens são construídos demonstra uma conduta que pode ser comumente notada neste período. Por exemplo, quando os protagonistas tendem a isolar-se de seus círculos afetivos permanecendo sozinhos, esse é um dos aspectos idiossincráticos atuais que serão aqui mais profundamente analisados.

## 2. A PÓS-MODERNIDADE E SUAS DIVERSAS DEFINIÇÕES

A partir das diversas leituras feitas para complementar e efetuar esse trabalho, pudemos entender que há diversas definições diferentes a respeito do que é a pós-modernidade. A seguir veremos alguns esclarecimentos distintos de pós-modernidade. Dentre as definições apresentadas, nos basearemos sobretudo nas ideias propostas por Bauman, Berman, Hutcheon e Hall.

### 2.1 A PÓS-MODERNIDADE PARA COMPAGNON

De acordo com o que Antoine Compagnon (1999, p. 9) presume em seu livro, há uma discussão quando se trata sobre o que estaria dentro da modernidade e do que seria o modernismo, e, segundo o que o autor pressupõe, modernidade e modernismo são coisas diferentes pois a modernidade é a ruptura com o modernismo.

Durante muito tempo opôs-se o que é tradicional e o que é moderno, sem nem mesmo se falar de modernidade ou de modernismo: moderno seria o que rompe com a tradição e tradicional o que resiste à modernização (COMPAGNON, 1999, p. 9).

A partir do conceito do moderno elucidada-se a ideia de pós-modernismo, que pode ser elencado como o período atual que vivemos. Mas, vale ressaltar, que há diversas definições quando se diz respeito à pós-modernidade. Compagnon aborda três variantes diferentes com relação a esse conceito, que seriam a pós-modernidade, a modernidade e as vanguardas, que dizem respeito a tradições e rupturas. O autor ainda defende a ideia de que a pós-modernidade é apenas um capítulo da modernidade e nos alerta sobre um erro comumente cometido que seria tomar como sinônimas as ideias de vanguarda e modernidade. A vanguarda, segundo o teórico, estaria diretamente ligada à arte e à sua ruptura com o passado, temos como exemplo o movimento Surrealista, que buscava questionar conceitos culturais vigentes da Europa do século XX; o autor exemplifica essa colocação postulando a ideia das vanguardas européias e o acréscimo de novas formas de arte. Compagnon distingue, então, o conceito de vanguarda do de

pós-modernismo, pois para ele o pós-modernismo seria apenas uma parte recente da modernidade.

Segundo Compagnon, o pós-moderno é uma reação contra o moderno, que tornou-se bode expiatório. E com isso questiona a construção da própria palavra, o que significa o sufixo pós-? E ele responde que “o pós-moderno é antes de tudo uma palavra de ordem polêmica, posicionando-se enganosamente contra a ideologia da modernidade ou contra a modernidade como ideologia.” (COMPAGNON, 1999, p. 103). E coloca que pós-moderno é um sinônimo de decadente, anárquico e irracional, logo, a pós-modernidade seria negativa em sua visão. Afinal, o pós-moderno é paradoxal pois pretende acabar com o moderno, mas quando rompe, reproduz a essência moderna: a ruptura.

A premissa do pós-modernismo social, segundo a qual a arquitetura é mais vulnerável na medida em que está imediatamente ligada à técnica e à reprodução social, consta que não há emancipação resultante da modernização; ao contrário, quer seja nos Estados Unidos, na Rússia ou na Europa, descobre-se a alienação crescente do homem na cidade contemporânea e na sociedade do lazer. (COMPAGNON, 1999, p. 107).

O pós-modernismo não tem a intenção de ser revolucionário, ao contrário, o homem pós-moderno se contenta com o que é modesto.

## 2.2 A PÓS-MODERNIDADE PARA BERMAN

Outro teórico que apresenta uma definição de Modernidade é o autor norte-americano Marshall Berman (2007). Na introdução do seu livro encontramos a explanação sobre a construção da cidade de Brasília pelo modernista Oscar Niemeyer. O escritor se utiliza desse exemplo de construção arquitetônica moderna para enunciar a forma como a estrutura de uma cidade pode ser a demonstração da modernização em si, que pode ser vista através das constantes mudanças que as paisagens urbanas sofrem. Assim, da mesma forma como a cidade de Brasília foi planejada pensando-se nos tempos modernos, a paisagem de nossas cidades configura-se pela presença marcante de máquinas, veículos motorizados, fábricas, etc. A partir de toda essa colocação Berman, baseando-se na ideia que Marx apresenta sobre os tempos

modernos, entende que todas essas invenções e progressos são em sua base completamente contraditórios, pois ao mesmo tempo em que evoluem e se modernizam também acabam por estupidificar a vida humana ao nível da “força material”.

Assim, podemos entender que Berman faz uma crítica aos tempos modernos se utilizando de uma sucessão de autores e épocas. Logo no início do livro encontramos uma menção às ideias postuladas por Karl Marx e Friedrich Engels. O próprio nome do livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” faz uma menção ao Manifesto Comunista de 1848 de Marx e Engels. Manifesto que ia contra a opressão social da burguesia e fazia reivindicações por melhorias políticas e sociais. Percebemos a partir daí que o autor é adepto da visão marxista. Mesmo não sendo reconhecido como moderna, Berman trata a obra de Marx e Engels (Manifesto Comunista) como a primeira obra de arte moderna. A partir daí ele molda suas ideias de Modernismo e Modernização. A partir disso, fundamentando-se na concepção de Marx de que mesmo tudo o que é sagrado pode ser profanado e o que é sólido pode se tornar em nossa sociedade algo passível de transformações, um sólido que pode se desmanchar e ser convertido, Berman constrói sua ideia política de Modernidade. Uma sociedade que pode ser corrompida e modificada.

Portanto podemos entender que o homem encara o modernismo como um empreendimento que tem como objetivo fazer com que nos sintamos em casa em um mundo que está em constante mudança. Como vemos nas palavras do próprio autor: “[...] defino modernismo como qualquer tentativa feita por mulheres e homens modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos, mas também sujeitos da modernização, de apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele.” (BERMAN, 2007, p.17)

De acordo com ele, nos damos conta de que nenhuma modalidade de modernismo jamais poderá ser definitiva, pois ela é como o mundo que está em constante mudança.

Pode-se dizer que os pós-modernistas desenvolveram um paradigma que se opõe frontalmente ao que é proposto na presente obra. Defendo a ideia de que a vida, a arte e o pensamento modernos têm uma capacidade de autocrítica e auto-renovação perpétuas. Já os pós-modernistas afirmam que o horizonte da modernidade está fechado, suas energias estão exauridas - em outras palavras, que a modernidade acabou. O pensamento social pós-modernista vê

com desprezo todas as esperanças coletivas de progresso moral e social, liberdade individual e felicidade pública, que nos foram legadas pelos modernistas do Iluminismo setecentista. Essas esperanças, segundo os pós-modernos, se revelaram falidas, na melhor das hipóteses fantasias vazias e fúteis, na pior delas máquinas que promoveram a dominação e uma escravização monstruosa. (BERMAN, 2007, p. 17)

Marshall Berman evidencia uma preocupação com a aventura da Modernidade, e não com a pós-modernidade em si. De *Fausto* de Goethe, até chegar as vanguardas artísticas do século XX, o autor perpassa as ideias e características de tempos modernos evidenciadas por diversos autores, construindo a partir disso as suas críticas ao Modernismo. Ser moderno para Berman é:

Outros acreditam que as formas realmente distintas da arte e do pensamento contemporâneos deram um salto quantitativo para além de todas as diversas sensibilidades do modernismo e ganharam o direito de se chamar a si próprias de "pós-modernas". Quero responder a esses argumentos antitéticos, embora complementares, revendo a visão de modernidade que está no início deste livro. Ser moderno, eu dizia, é experimentar a vida pessoal e social como um maelstrom, encontrar o próprio mundo e a si próprio em perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambiguidade e contradição: ser parte de um universo no qual tudo o que é sólido se desmancha no ar. Ser um moderno é, de algum modo, sentir-se à vontade no maelstrom, fazer dos ritmos do maelstrom o próprio ritmo, mover-se nas suas correntes à procura das formas de realidade, de beleza, de justiça que seu fluxo febril e perigoso propicia. (BERMAN, 2007, p. 407)

Apesar das diversas críticas construídas ao longo de seu livro, entendemos que ser moderno, para Berman é modificar-se, renovar-se, ser moderno é aventurar-se. A modernidade é também cheia de contradições. O que temos hoje pode ser diferente amanhã, pode não mais existir. É necessário refazer o mundo, porém (baseando-se em Nietzsche) sem romper com o passado, pois “É somente mantendo vivos esses laços que o ligam às modernidades do passado – laços ao mesmo tempo estreitos e antagônicos- que o modernismo pode auxiliar os modernos do presente e do futuro a serem livres” (Berman, 2007, p. 408).

### 2.3 A PÓS-MODERNIDADE PARA BAUMAN

O livro denominado *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman foi publicado no ano 2000, quando passávamos do século XX para o século XXI. Essa virada centenária fez com que pudéssemos pensar sobre temas como: para onde estamos indo, o quanto progredimos e o quanto a tecnologia avança. Apesar do crescimento e da evolução da espécie humana, essa mudança de século, que foi caracterizada pelo “bug do milênio”, despertou em Bauman uma reflexão sobre o que ainda continua estagnado e quais são as reflexões de nossas atitudes enquanto sociedade. O sociólogo polonês, baseando-se nessa mudança e na ideia de modernidade, utiliza-se da matéria da liquidez para criar a sua perspectiva sobre a pós-modernidade, pois os líquidos se adaptam ao meio em que estão inseridos, tomando então o formato desses recipientes. Eles acabam se moldando ao espaço, diferentemente do que aconteceria com um objeto sólido, que já constitui seu formato próprio e definido. O pós-modernismo, ou mesmo a modernidade líquida, como o próprio Bauman define, seria então o deslocamento da identidade cultural do sujeito de acordo com a forma como novos aspectos formais na cultura vão surgindo, o aparecimento de um novo tipo de vida social. Assim como o próprio autor define no prefácio de seu livro:

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados ... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos. (BAUMAN, 2000, p.7)

*Modernidade Líquida* é dividido em cinco capítulos denominados, respectivamente, “Emancipação”, “Individualidade”, “Tempo/Espaço”, “Trabalho” e “Comunidade”. No capítulo “Emancipação” o autor trata do tema de liberdade verdadeira; em “Individualidade” ele aborda alguns aspectos do capitalismo e a questão do consumismo e da dependência atuais. Em “Tempo/Espaço” fala sobre uma modernidade que contém um tempo e a esse tempo associa-se uma história. Já no capítulo denominado “Trabalho”, o autor primeiramente discorre sobre a história da sociedade e do progresso, dizendo que o progresso é atingido quando há autoconfiança em si mesmo e no desenvolvimento; outro tema novamente abordado é

a ideia do capitalismo, mas aqui com foco na ascensão do trabalho. Por último, em “Comunidade” Bauman trata da comunidade ideal, do patriotismo *em contrapartida com* o nacionalismo e, o mais importante, discute acerca do *cloakroom* na paisagem da modernidade líquida, onde o espectador deixa de seguir suas regras para vestir-se de acordo com a ocasião do espetáculo. Todos esses temas então dizem respeito a uma sociedade líquida, que se molda de acordo com a regra dos outros e acaba sendo completamente superficial.

Para finalizar, a época que vivemos, a contemporaneidade, de acordo com Bauman é um período de fluidez, volatilidade, insegurança, uma época completamente artificial, na qual o ser humano perde a sua solidificação para se materializar da forma como a sociedade impuser e exigir. Uma sociedade que vive de aparências criadas.

#### 2.4 A IDENTIDADE PÓS-MODERNA DE HALL

Stuart Hall inicia seu livro dizendo que a questão da identidade tem sido muito discutida na teoria social. Ele utiliza como principal argumento as velhas identidades, que estabilizaram o mundo social que estava em declínio, assim, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como sujeito unificado. De forma que a “crise de identidade” é vista como uma parte de um processo mais amplo de mudança. E esse processo está deslocando o centro das sociedades modernas, e também abalando os quadros de referência que davam base estável ao indivíduo no mundo social.

Para Hall, a pós-modernidade é uma modernidade tardia, e em seu livro ele busca analisar se existe uma crise de identidade nesse período, no que consiste essa crise, quais acontecimentos colaboram para ela, qual forma ela toma e quais são suas consequências.

O autor escreve seu livro a partir do argumento de que as identidades modernas estão perdendo o centro, logo, estão descentralizadas. Com seus estudos, Stuart Hall distingue três concepções de identidade. A primeira é o sujeito do Iluminismo que é centrado e dotado de razão; a segunda concerne ao sujeito sociológico, que está no mundo moderno e é dependente dele devido às relações que estabelece com os outros

indivíduos; e por último, há o sujeito pós-moderno o qual não possui identidade fixa, dando espaço para o debate em torno da crise de identidade.

Com essa distinção das concepções de identidade, Hall nos mostra a mudança ocorrida na modernidade tardia, ou pós-modernidade, que está ligada à questão da identidade do sujeito. Para isso, ele utiliza diferentes autores, e assim contextualiza seu entendimento de sociedade moderna e da sociedade moderna tardia.

O autor nos alerta que tentar mapear a noção de sujeito moderno na história é difícil. E apresenta que a “ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornam totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno.” (HALL, 1992, p. 24), assim temos, o autor amparando-se em uma exposição a qual podemos considerar conveniente, afinal, estamos em constante mudança como sujeitos e expostos a inúmeras interferências. De forma simplista, Hall desenha um quadro de conceitualização para o sujeito moderno, e sua mudança em três pontos estratégicos.

Tornou-se comum dizer que o individualismo surgiu apenas na época moderna, mas o que mudou foi o centro da concepção de sujeito individual. Logo, as mudanças que ocorrem são colocadas apenas como pertencentes ao sujeito pós-moderno, mas, é importante ressaltar, que anteriormente a individualidade era conceituada de outra forma.

Após sua introdução, encontramos o primeiro capítulo, intitulado “A identidade em questão”, nesse capítulo o filósofo se propõe a fazer um breve traçado histórico das concepções de sujeito e, já no início, Hall cita o autor Raymond Williams que observa o sujeito individual na história moderna que “reúne dois significados distintos: por um lado, o sujeito é “indivisível” - uma entidade que é unificada no seu próprio interior e não pode ser dividida além disso; por outro lado, é também uma identidade que é “singular, distintiva, única” (HALL, 1992, p.25). O autor destaca a importância de movimentos ocidentais para a libertação da consciência individual, como, por exemplo a Reforma e o Protestantismo. Outro movimento destacado por Hall é o Humanismo Renascentista pois colocou o homem no centro do universo, e com ele, as revoluções científicas que trouxeram ao homem a possibilidade de manejar a natureza. E também o Iluminismo,

onde encontramos um homem racional que está liberto do dogma e da intolerância, e diante desse homem era possível entender a história humana.

Na sequência, o jamaicano parte para as reflexões da filosofia ocidental sobre a concepção de sujeito. O autor considera René Descartes muito importante, pois, segundo ele, foi o primeiro a conceituar o sujeito, pois foi o primeiro, também, que questionou a centralidade de Deus no universo, e o sujeito moderno nasceu no meio do entrave.

Seguindo para a teoria de Descartes, temos as suas duas substâncias distintas: a espacial e a pensante. A primeira diz respeito à matéria, enquanto a segunda, à mente. De acordo com o filósofo, as coisas devem ser explicadas através dos elementos essenciais, ou seja, a redução aos elementos mínimos, irreduzíveis. Seguindo as substâncias, o sujeito moderno é colocado no centro da mente, pois é capaz de pensar e raciocinar. E com isso, Stuart Hall retoma a famosa frase do filósofo: “*Cogito, ergo sum*”, “Penso, logo existo”.

Em seguida, encontramos a definição de John Locke, que define indivíduo “mesmidade (*sameness*) de um ser racional”, ou seja, a identidade é constante e alcança a extensão da consciência do indivíduo. Locke também acrescenta o indivíduo soberano que aparece em cada processo ou prática central que fazem parte do mundo moderno, e aquele que, também, sofre as consequências dessas práticas.

Após, o sociólogo postula sobre questionamentos que têm sido feitos a ele a respeito de o capitalismo exigir uma concepção de indivíduo soberano, para esclarecer, Hall cita Raymond Williams novamente, que sintetiza a imersão do sujeito moderno nas práticas e discursos da modernidade.

A emergência de noções de individualidade, no sentido moderno, pode ser relacionada ao colapso da ordem social, econômica e religiosa medieval. No movimento geral contra o feudalismo houve uma nova ênfase na existência pessoal do homem, acima e além de seu lugar e sua função numa rígida sociedade hierárquica. Houve uma ênfase similar, no Protestantismo, na relação direta e individual do homem com Deus, em oposição a esta relação mediada pela Igreja. Mas foi só no final do século XVII e no século XVIII que um novo modo de análise, na Lógica e na Matemática postulou o indivíduo como a entidade maior (cf. as “mônadas” de Leibniz), e a partir de qual outras categorias (especialmente categorias coletivas) eram derivadas. O pensamento político do Iluminismo seguiu principalmente esse modelo. O argumento começava com os indivíduos, que tinham uma existência primária e inicial. As

leis e as formas de sociedade eram deles derivadas: por submissão, como em Hobbes; por contrato ou consentimento, ou pela nova versão da lei natural, no pensamento liberal. Na economia clássica, o comércio era descrito através de um modelo que supunha indivíduos separados que [possuíam propriedade e] decidiam, em algum ponto de partida, entrar em relações econômicas ou comerciais. Na ética utilitária, indivíduos separados calculavam as consequências desta ou daquela ação que eles podiam empreender. (WILLIAMS, 1976 *apud* HALL, 1992, p.29)

O homem está centrado na razão, mas Hall diz que conforme as sociedades modernas tornavam-se complexas, adquiriam uma forma mais coletiva e social. Assim, as teorias clássicas de governo eram individualistas, e por isso, foram obrigadas a dar conta dessa nova estrutura social, e nesse momento, nasce a democracia moderna.

Após a industrialização e a formação de classes modernas, as leis clássicas precisavam atuar. Com isso, o sujeito moderno viu-se cercado por máquinas burocráticas e administrativas do Estado Moderno, assim, uma nova concepção de sujeito surgiu, mais social. Esse sujeito agora está no interior das grandes estruturas e também, na base da sociedade moderna.

Para Hall, dois eventos são importantes e contribuem para a fundamentação do sujeito moderno. O primeiro é a biologia de Charles Darwin, onde o humano é “biologizado” e a razão tem como base a natureza e a mente, no desenvolvimento físico do cérebro humano. O segundo é o surgimento das novas ciências sociais, o indivíduo soberano continuou sendo o centro da economia e da lei moderna. Além disso, o dualismo cartesiano foi institucionalizado e com isso, as ciências sociais foram divididas também. Por exemplo, a ciência que estuda o indivíduo e seus processos mentais é a psicologia, e como essa ciência, as outras também foram divididas e cada uma possui seu próprio objeto de estudo. Essa divisão é considerada, por Hall, negativa, pois temos a fragmentação do conhecimento.

Em contrapartida, a sociologia criticou esse individualismo do sujeito cartesiano, pois observou que o sujeito também possui processos coletivos e por isso, essa ciência buscou uma explicação alternativa para a formação subjetiva do sujeito em suas relações sociais, e também, os processos e estruturas que sustentam os papéis desempenhados pelo indivíduo. Com isso, Hall fala da internalização do exterior e da externalização do interior do sujeito, pois é através da ação no mundo social o sujeito

moderno constitui sua descrição primária e, também, onde é possível compreender a teoria da socialização.

Hall postula que a integração do indivíduo com a sociedade é uma preocupação antiga da sociologia pois o modo com que “eu” me apresento perante diferentes situações, por mais diferentes que sejam, possui uma ligação. O sociólogo ainda nos aponta que alguns críticos defendem que a sociologia convencional ainda mantém o dualismo cartesiano, pois tem a tendência em construir problemas, em coisas e situações que possuem ligações ou não, e também, do indivíduo com a sociedade.

O postulado de “interior” e “exterior” é recente, produto da primeira metade do século XX quando as ciências sociais assumem a forma que conhecemos hoje, disciplinar, e que justifica essa formulação porque, nesse momento, começavam a surgir movimentos estéticos e intelectuais os quais eram associados ao modernismo.

Ao retomar o individualismo, Hall utiliza um trecho da obra do poeta Baudelaire “no coração único da multidão, em meio ao ir e vir dos movimentos em meio do fugidio e ao infinito’ e que ‘se torna um único corpo com a multidão’, ‘como se fosse um imenso reservatório de energia elétrica’”, (HALL, 1992, p. 33), o indivíduo vaga observando a metrópole, como no livro *Em Paris de Baudelaire* que Walter Benjamin diz ser sua modernidade tardia pois é um turista.

Outro famoso autor citado por Stuart Hall é Kafka, pois este confronta a vítima anônima, que não tem rosto, vítima que pertence a um grupo de aliados da literatura e da crítica social do século XX, literatura que buscava exclusivamente uma forma de representação da modernidade. Vários desses “autores” foram estudados por cientistas sociais, e todo esse cenário mostrou-se profético, segundo Hall, em relação ao futuro do indivíduo cartesiano ou pertencente à modernidade tardia.

Após o traçado histórico e de algumas definições de identidade, o teórico foca na descentralização do sujeito, tema central do seu livro. Ele inicia relatando que inúmeras pessoas sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas, e usam como argumento o que aconteceu à concepção de sujeito moderno, na modernidade tardia. O sociólogo afirma que não foi somente uma degradação, mas foi, na verdade, um deslocamento. Essas mesmas pessoas descrevem o deslocamento como uma ruptura, e essa ruptura ocorre no discurso do conhecimento moderno. Com isso, Hall

faz um esboço de cinco grandes avanços ocorridos na teoria social e nas ciências humanas, na modernidade tardia (período considerado por Hall como a segunda parte do século XX), e sobre o impacto e o efeito da descentralização. A seguir, discorreremos sobre cada uma.

A primeira está ligada às tradições marxistas. Os trabalhos de Karl Marx são datados do século XIX, e foram lidos no sentido de que os indivíduos não podem ser considerados autores da história, isso porque só podem agir de acordo com as condições históricas criadas porque já nasceram sob influência. Com essa explicação, não é possível ter uma noção de individualismo, pois no centro estão as relações do sujeito e não sujeito isolado. Marx utilizou duas contribuições da filosofia moderna, a primeira é da essência universal do homem, e a segunda, a essência atribuída individualmente. O jamaicano nos diz que esses postulados são inseparáveis, pois Marx expulsa o sujeito empirista, da essência ideal e dos domínios que possuía.

O segundo descentramento é relacionado ao pensamento ocidental do século XX e a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud. Na psicanálise, as identidades, sexualidade e desejos são formados com base nos processos psíquicos e simbólicos do nosso inconsciente, que funciona de forma diferente da razão, logo, o conceito de sujeito é cognoscente e racional, de identidade fixa, o sujeito de Descartes que pensa e por consequência, existe. Para Hall, o trabalho de Freud foi importantíssimo para o pensamento moderno.

O sujeito freudiano é um eu por inteiro, unificado, e pode ser comparado a uma criança em processo de aprendizagem onde tudo é gradual, parcial e difícil. Na criança nada é desenvolvido naturalmente; a partir do ser, ocorre a relação com os outros, as negociações psíquicas inconscientes como as fantasias maternas e paternas da primeira infância. Lacan chama essa fase de “fase do espelho”, pois nessa fase a criança não possui um eu por inteiro, ela se vê como em um espelho, pelo olhar do outro.

Segundo Lacan, outro teórico citado por Stuart Hall, o olhar do eu no outro começa na criança juntamente com o desenvolvimento dos sistemas simbólicos. Nessa mesma etapa, a criança trabalha também com sentimentos contrários e eles acompanham essa entrada, mas, mesmo sendo visto por alguns como negativo, são

fundamentais para a formação do inconsciente do sujeito e deixam o sujeito dividido. O sujeito está sempre dividido, mas ele vive a identidade como se essa estivesse unida. De acordo com a psicanálise, esse é o início da contradição da identidade.

Em resumo, a identidade é formada conforme o tempo passa, ou seja, não nascemos com ela. A identidade é continuamente formada. Quando “eu” sou mulher, o “eu” homem/masculino é negado, mas isso não significa que ele desaparece, ele continuará no meu inconsciente. Logo, a identidade está em constante construção, e segundo Hall, a identidade é um processo em andamento.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 1992, p. 39)

Assim, não podemos dizer que a identidade é fixa, ela está em constante modificação. São inúmeras as influências que ela pode receber, seja ao conhecer alguém novo, uma viagem, um trabalho novo, esses e outros fatores alteram, em diferentes intensidades, a nossa identidade.

Retomando Freud e Lacan, Hall diz que os processos inconscientes não são vistos ou analisados facilmente, precisam das técnicas da psicanálise de reconstrução e também de interpretação, pois, diferentes de outras ciências, não podem ser provados. E, segundo o sociólogo, o impacto que a psicanálise exerce sobre o pensamento moderno é visto como positivo.

O terceiro descentramento é relacionado à linguística estruturalista de Saussure. Ele afirmava que não somos autores dos significados ou das afirmações que expressamos em nossa língua. A língua é o meio pelo qual reproduzimos significados, mas a utilizamos usando regras e também, usando significados já preestabelecidos. A língua é um sistema social, e não individual, sendo assim, não podemos ser seus autores porque quando falamos uma determinada língua não significa dizer que a usamos apenas para expressar nossos pensamentos individuais; na verdade, ativamos inúmeros significados que já estão presentes em nossa língua.

Os significados também não são fixos, eles nascem nas relações com outras palavras no interior da própria língua. Hall destaca a analogia existente entre língua e identidade.

Eu sei quem “eu” sou em relação com “o outro” (por exemplo, minha mãe) que não posso ser. Como diria Lacan, a identidade, como o inconsciente, “está estruturada como a língua”. O que modernos filósofos da linguagem - como Jacques Derrida, influenciados por Saussure e pela “virada lingüística” - argumentam é que, apesar de seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. (HALL, 1992, p. 41)

Tudo o que dizemos tem base em proposições e premissas das quais não temos consciência, mas que são conduzidas pela língua. O significado é instável, e está em busca de um fechamento, mas é sempre conturbado pois novos significados surgem, sobre os quais não temos controle.

O quarto descentramento ocorre no trabalho de Michel Foucault. O teórico faz a “genealogia do sujeito moderno” o sujeito que possui o “poder disciplinar” que tem seu ponto alto no início do século XIX. O poder tem como principal preocupação regular, e na sequência, a preocupação se volta para o corpo e o indivíduo. Durante o século XIX, novas instituições surgiram, e com isso, ocorreu que a população moderna foi disciplinada; a escola é um exemplo de instituição que surgiu para esse fim.

O poder disciplinador não pode ser visto apenas como negativo, pois ele surgiu para manter as atividades humanas sob controle. O ser humano, quando criança, aprende a viver em sociedade na escola, esse é o primeiro contato que ele tem além da família, ou seja, essas instituições vêm para tornar o ser humano ainda mais social. E também, elas facilitam o tratamento entre os seres futuramente, como um animal domesticado.

O quinto descentramento está relacionado ao feminismo. Mas não só ao movimento, mas sim, a toda a crítica pois faz parte dos novos movimentos sociais. Segundo o sociólogo, este é um marco importantíssimo na modernidade tardia pois foi um movimento que ia contra a política vigente na época, a liberal capitalista.

Em suma, uma nação também não possui uma identidade unificada. As identidades são influenciadas pelo jogo do poder. Então, quando falamos que as

identidades nacionais estão sendo deslocadas “devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade.” (HALL, 1992, p. 65).

Na continuidade, Stuart Hall questiona o deslocamento das identidades culturais nacionais no século XX. De acordo com ele, a resposta pode ser sintetizada pelo termo globalização. Para falar sobre esse termo, o autor utiliza o Anthony McGrew que comunica que a globalização é um processo atuante na escala global, atravessam fronteiras e conecta comunidades. A globalização é um movimento no qual observamos um distanciamento da ideia clássica de sociedade que é de um sistema que se concentra na vida social.

O sociólogo jamaicano enuncia as três possíveis consequências da globalização:

- a) A globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compressão espaço-tempo.
- b) A globalização é um processo desigual e tem sua própria “geometria de poder”.
- c) A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo. (HALL, 1992, p. 81)

A terceira forma de globalização, ocorre após a Segunda Guerra Mundial pois nesse momento as potências europeias pensavam que podiam simplesmente sair das colônias sem nenhum problema ou influência, e principalmente, deixando as consequências nas colônias. A pobreza, a seca e a fome influenciaram o subdesenvolvimento humano, e também, a política, as dívidas externas acumuladas. Dessa forma as pessoas pobres do globo acreditaram na mensagem do consumismo global em busca de locais para os bens.

A última parte é intitulada de *Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo*. Hall inicia falando sobre a fusão entre o hibridismo e o sincretismo que são usados como argumento, pois produz uma nova forma de cultura, e, segundo o autor, seria mais apropriada à modernidade tardia das identidades do passado.

Em contrapartida, é possível ver também a tentativa de reconstrução de identidades. São exemplos o nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo.

O ressurgimento do nacionalismo e de outras formas de particularismo no final do século XX, ao lado da globalização e a ela intimamente ligado, constitui, obviamente, uma reversão notável, uma virada bastante inesperada dos acontecimentos. Nada nas perspectivas iluministas modernizantes ou nas ideologias do Ocidente nem o liberalismo nem, na verdade, o marxismo, que, apesar de toda sua oposição ao liberalismo, também viu o capitalismo como agente involuntário da “modernidade” previa um tal resultado. (HALL, 1992, p. 97)

O marxismo e o liberalismo davam a entender a ligação ao lugar e a valores mais universais e cosmopolitas. O nacionalismo e a etnia são considerados arcaicos pelo autor, pois possuem o “apego pela força revolucionária da modernidade”. E “os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição e às raízes, aos mitos nacionais e às ‘comunidades imaginadas’, seriam gradualmente substituídos por identidades mais racionais e universalistas.” (HALL, 1992, p. 97). A globalização gera deslocamentos, o que sugere que ela acaba sendo parte do descentramento do Ocidente.

## 2.5 A METAFICÇÃO

Abordaremos aqui a ideia de metaficção proposta por Linda Hutcheon, uma professora universitária canadense que é especialista em crítica literária e cultura pós-modernista. Linda Hutcheon escreveu diversos livros e artigos que abordam o tema do pós-modernismo, porém utilizaremos como base para nosso trabalho apenas um deles, que faz referência à metaficção e foi intitulado em inglês como *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*<sup>1</sup>.

Linda Hutcheon inicia seu livro explicando que, assim como o mito grego de narciso, em que o personagem principal ao ver a sua imagem refletida no lago passa a ter admiração profunda por si mesmo, o romance ficcional moderno também passa a fazer um retrato de si mesmo. A partir disso podemos entender que a metaficção faz parte da literatura contemporânea e simboliza o próprio processo da escrita literária. De acordo com a crítica literária, a metaficção surgiu em meados dos anos 60. Podemos ver essa definição descrita nas palavras da própria escritora:

---

1 O título pode ser traduzido como *Narrativa Narcisista: O Paradoxo metafictional*.

“Metaficção”, como agora tem sido chamada, é uma ficção sobre ficção, isto é, a ficção que inclui dentro de si um comentário sobre a sua própria narrativa e / ou identidade linguística. “Narcisista” - o adjetivo figurativo aqui escolhido para designar esta auto-consciência textual - não se destina, como depreciativo, mas como descritivo e sugestivo, como a leitura alegórica irônica do mito de Narciso, que segue estas observações introdutórias e deixa claro isso. [...] Essas associações psicológicas, embora provavelmente inevitáveis são, no entanto, irrelevantes na medida em que é o texto narrativo, e não o autor, que está sendo descrito como narcisista. (Tradução nossa)

Como podemos observar a partir do excerto acima, a autora enfatiza que o termo narcisista utilizado por ela faz menção ao texto, e não ao autor em si. O seu interesse surge pelo estudo desse texto, que, segundo ela, expressa as mudanças sociais e os acarretamentos que essas trazem em relação ao leitor.

Linda Hutcheon, para ilustrar a sua análise sobre a teoria metaficcional, utiliza como exemplo alguns autores que produziram obras que fazem uma reflexão consciente sobre a própria condição de ficção em que elas se inserem. Para isso, a fim de exemplificar a metaficção através de obras que apresentam dentro de si esse tipo de reflexão, ela apresenta em seu livro trabalhos dos romancistas Fowles, Barth, Nabokov, Calvino, Borges, Carpentier e Aquin. Essas obras poder servir como ilustradoras do que é a metaficção e como ela se apresenta, pois as mesmas manifestam dentro delas o ato da criação da escrita em si. De acordo com Hutcheon, Joyce, Proust, Woolf, Pirandello, Svevo e Dilo foram autores fundamentais para o desenvolvimento da metaficção, e quem iniciou (ou deu início) a esse processo metaficcional foi, na visão de Barthes, o autor e escritor francês Gustave Flaubert.

A autora se utiliza de uma série de teorias de resposta do leitor para explorar esse paradoxo que é criado através da metaficção. De acordo com o que Linda Hutcheon diz, podemos entender que esse paradoxo seria representado pelo fato de que o leitor é ao mesmo tempo o co-criador do texto auto-reflexivo, o que acabou fazendo com que o autor se distanciasse de sua própria auto-reflexividade. Ao realizar essa leitura, o leitor exerce uma co-participação que “assemelha-se ao desenvolvimento de sua experiência profissional” e a partir disso conseguimos subentender que “o processo, portanto, a metaficção não é um rompimento com a tradição mimética, mas um desenvolvimento da mesma”. (REICHMANN apud HUTCHEON, s/a, p. 3)

O crítico, livre da necessidade de suporte externo para sua análise, precisa “revirar” o texto e contar com sua liberação como leitor, pois na leitura de ficção

autoconsciente ele é leitor, escritor e crítico ao mesmo tempo. Mas apesar do texto metaficcional ser aberto, apesar de o leitor poder estabelecer uma ordem entre as partes, o texto é aberto em um campo de relações (criado pelo romancista) que leva a algum tipo de coerência interna. Na verdade, o leitor nunca cria significados literários livremente, existem códigos, regras e conexões que subjazem à produção literária. A natureza paradigmática típica da metaficção (os correspondentes ao processo imaginativo e linguístico do leitor) acrescenta à situação outra dimensão – a da liberdade. Esta liberdade induzida é sentida tanto pelo leitor como pelo autor. O crítico fica também livre das restrições de qualquer metodologia única, pois a metaficção carrega em si sua própria estrutura crítica de referência, como parte de seu tema e, frequentemente, de sua forma. Textos auto-interpretativos implicam amálgama das funções do leitor, de escritor e de crítico numa experiência de leitura única e rigorosa. (REICHMANN apud HUTCHEON, s/a, p. 12)

Para finalizar, podemos entender a partir do trecho acima que na metaficção o leitor é capaz de ser livre em seu processo paradigmático, referente ao processo linguístico e imaginativo. A metaficção proporciona uma experiência única ao leitor, pois o mesmo é também um crítico nesse processo.

### 3. O AUTOR E SUAS OBRAS

Miguel Sanches Neto é um renomado crítico literário, professor universitário, poeta e escritor paranaense. Nasceu em 1965 em Bela Vista do Paraíso, e em 1969 se mudou para Peabiru, onde ganha sua primeira máquina de escrever e inicia a carreira de escritor. Em 1984 Sanches Neto começa o seu curso de Licenciatura em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari, concluindo o curso em 1986. No ano de 1987, o autor se muda para a região de Curitiba e se casa com Juliana Calisto. Na capital paranaense ele conhece outros escritores famosos como Helena Kolody. Em 1990 é aprovado no mestrado em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1991 publica o seu primeiro livro de poesias, denominado *Inscrições a Giz*, que concede ao escritor o Prêmio Nacional Luis Delfino. Em 1994 inicia o seu doutorado em Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas e após isso retorna a Curitiba. No ano 2000, publica o seu primeiro romance, denominado *Chove Sobre Minha Infância*. No ano de 2003, publica o livro de contos *Hóspede Secreto* e por ele recebe o Prêmio Cruz e Sousa. Os romances aqui analisados, *A Primeira Mulher* e *Chá das Cinco com o Vampiro* foram publicados, respectivamente, em 2008 e em 2010. Por todos esses feitos, Miguel Sanches Neto é considerado por alguns, um dos grandes talentos de sua geração e um dos nomes mais representativos da nova literatura brasileira.

#### 3.1 A PRIMEIRA MULHER

O livro escrito por Miguel Sanches Neto denominado *A Primeira Mulher* tem como personagens principais o professor universitário Carlos Eduardo Pessoa, a sua ex-aluna e atual namorada Lírian, sua mãe, a deputada/ ex-amor de sua vida Solange, e o radialista Porrada. Carlos Eduardo é um professor de literatura mulherengo e constantemente solteiro. Ele mora sozinho, visita a mãe apenas de vez em quando, tem alguns escritos inacabados e não quer manter vínculos amorosos com ninguém.

No começo do livro o personagem principal descreve o costume que tem de namorar suas alunas e que, conforme o semestre passa e as turmas mudam, ele também muda de namorada. A sua última namorada é a então denominada Lírian, que

apesar de a turma ter se formado, ainda continua mantendo contato com o seu ex-professor, anormal na vida daquele homem tão desapegado de tudo. À medida que o enredo se desenvolve, temos conhecimento que o envolvimento com a sua ex-aluna Lírian acaba se tornando mais duradouro do que de costume

Ainda no começo do livro também sabemos do reaparecimento da deputada Solange. Ela havia sido uma namorada e também o amor da vida de Carlos Eduardo em sua juventude, nos tempos de faculdade. Porém, ela havia se casado com outro homem e teve um filho com ele. Esse mesmo filho havia sido sequestrado no passado, e desde então essa mãe amorosa e batalhadora nunca mais conseguiu descansar e esquecer o desaparecimento do filho. Esse é justamente o motivo do reaparecimento de Solange. Ela procura Carlos Eduardo porque está sendo ameaçada por bandidos que a chantageiam dizendo que seu filho, depois de tantos anos, reapareceu. Carlos é a única pessoa em quem ela confia para esta missão, pois ele não possui nenhum interesse em jogos políticos ou em chantagens. Pelo fato de lutar por um cargo político de maior valor, muitas pessoas falsas e interesseiras surgem na vida de Solange. É a partir desse encargo dado a Carlos Eduardo que a história passa a ganhar um rumo. Esse homem desapegado tem agora algo por que lutar. Solange se torna então um símbolo que dá significação à vida do personagem principal do livro de Miguel Sanches Neto.

É através do pedido de ajuda de Solange para encontrar o seu chantagista que Carlos Eduardo chega até o radialista Porrada. Porrada tem uma personalidade forte, fala o que quer e por isso é tido como suspeito pelos comparsas de Solange. Porém, no decorrer da história ele acaba se tornando amigo do professor universitário.

A terceira e última mulher que rodeia a vida de Carlos, e aquela que se revela como a mulher que intitula o nome do livro é a sua mãe, dona Ilza. Dona Ilza é uma mãe solitária (assim como seu filho) e dedicada aos afazeres domésticos. Durante toda a história, a mãe de Carlos Eduardo espera pelo retorno de seu filho.

É em torno dessas três mulheres que a vida do personagem principal se constitui durante toda a narrativa. Carlos Eduardo permeia o horizonte do novo e jovial - no caso da aluna Lírian. Faz uma visita ao passado e tem contato com um corpo da sua idade, mais antigo e experiente, no caso o da deputada Solange. Mas no final ele continua

sozinho e a única mulher que o acalenta e o acolhe é a primeira mulher que apareceu em sua vida: a sua mãe. Carlos é um homem naturalmente solitário e sua vida, pelo que podemos entender, será sempre dessa forma. A única mulher de quem ele conseguiu ficar próximo foi e sempre será a sua mãe, pois eles estão unidos por algo mais forte que é o laço sanguíneo e maternal.

### 3.1.1 A IDENTIDADE PÓS-MODERNA

Este capítulo aborda a troca de identidades do indivíduo moderno, tema proposto de acordo com a visão do teórico Hall (1992). Veremos como o homem moderno, no decorrer de suas necessidades momentâneas e de suas experiências pessoais, passa por uma série de troca de identidades.

O narrador e personagem principal do livro inicia a sua história evidenciando a forma como ele possui uma vida desapegada de qualquer tipo de vínculos, valores e sentimentos, sendo extremamente solitária. Como podemos observar no trecho a seguir: “Sempre me amedrontou a ideia de ter um filho. [...] Perdi todas as mulheres com que me relacionei. E isso não foi o pior. Também perco, com regularidade assustadora, relógios e guarda-chuvas. Assim, cheguei aos 40 anos sozinho e sem relógios.”. (SANCHES NETO, 2008, p. 11) Bauman também apresenta uma ideia desse desapego moderno como: “[...] a modernidade é a época em que a vida social passa a ter como centro a existência do individualismo, é fase marcada por uma expansiva autonomia do homem em relação à vida social. (BAUMAN, 2001, p.39) Segundo o que o autor define, a marca de uma sociedade moderna é o surgimento de membros como indivíduos. Uma característica que pode ser observada durante toda a obra é o fato de o personagem principal ser sem pretensões.

Podemos dizer, então, de acordo com as características do homem e da sociedade atual que o comportamento de Carlos Eduardo, assim como o da sociedade atual, é de certa forma individualista quando trata com tanto desapego suas relações pessoais. Carlos Eduardo é por escolha própria um homem solitário. Ele vai contra os valores sociais impostos pela maioria. Não tem filhos, família constituída, apenas (durante a maior parte do livro, ou da sua vida) uma relação fria com a mãe. Há ainda

uma negação (que é quebrada no final da história) desse vínculo maternal, o protagonista enquanto narra a sua história alega que é filho da própria literatura. As distrações de sua existência são também suas paixões: a própria literatura, o desejo sexual de se aventurar com novas alunas, a renovação e o descarte de mulheres/corpos femininos jovens, a libido em si. Talvez pelo anseio de se sentir renovado. Há um desejo renegado de contato social, por um homem solitário que enxerga a sexualidade em todos os lugares.

Mais tarde, no decorrer da história, o personagem ganha novamente um relógio de presente de natal da sua mãe, a partir dos seus 40 anos. Nesse momento a sua vida passa também a tomar rumos diferentes. Esse ciclo de desinteresse pelas coisas e pelas pessoas passa momentaneamente a ser quebrado. Poderíamos observar aqui uma simbologia para a obtenção de um relógio novo e que dessa vez, diferentemente do que o personagem afirmou no início do livro, não é perdido. Conseguimos perceber aí uma quebra cíclica do tempo. São 40 anos passados da mesma forma até o momento em que ele ganha esse novo relógio, os acontecimentos recorrentes e iguais passam a mudar. Esse personagem, por um momento, busca um valor na vida, passa a nutrir sentimentos por alguém, o que não acontecia antes. Esses acontecimentos ocorrem a partir do seu aniversário de 40 anos de idade. Quando o *clímax* da história passa a tomar conta do enredo, podemos considerar Solange, de forma menos intensa Lírian, como ícones para essa mudança de personalidade. Esse momento marcante no livro poderia ser visto através da perspectiva de troca de identidades de Hall. Carlos Eduardo agora vive momentos únicos, diferenciados e excêntricos, saindo da mesma mesmice anterior e rotineira na qual ele passava antes.

Podemos entender esses processos de mudança de imagem do personagem principal como uma troca de identidade temporária. Carlos Eduardo ao longo da narrativa passa por três processos: a troca de mulheres (namoradas ou alunas), o momento que ele procura se estabilizar amorosamente com Solange ou Lírian, e por último, quando ele para de renegar o vínculo maternal e finalmente escolhe estar ao lado de sua mãe. Esse processo pode ser explicado através do que Laclau define sobre o homem pós-moderno: “Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a

produção de novos sujeitos e o que ele chama de ‘recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação’.” (LACLAU, 1967 *apud* HALL, 2006, p.5).

Assim, em diversos trechos durante toda a obra apesar do personagem deixar claro o seu desapego com o único vínculo sanguíneo ou de união que ele já teve na vida “E nosso relacionamento era assim mesmo, à distância. Ela sabendo do filho esquivo. Eu, da mãe amorosa, que dedicava à casa seu afeto sem destino.” (SANCHES NETO, 2008, p. 199), essa ideia é quebrada, ele aceita a ligação existente com a sua mãe, porém ainda permanece solitário.

No final da história o comportamento de Carlos Eduardo o leva de volta ao que ele era antes. O personagem principal de *A Primeira Mulher* retorna à casa de sua mãe, e ainda continua solitário, sem mulheres ou filhos. Ou seja, ele volta a sua essência original, permanecendo apenas ao lado da primeira mulher que entrou em sua vida, e é ao lado dela que ele sempre permanecerá. Hall (1992) discorre sobre essa troca de identidades que o ser humano faz ao longo da vida. Carlos Eduardo passa por diversas etapas ao longo de sua história, da mesma forma como passa por diversas mulheres. Até se aproxima de duas (Solange e Lírian), mas ao final ele permanece em sua essência natural e primordial, que é a solidão, retornando ao único vínculo que ele manterá aceso: o colo de sua mãe.

Podemos, portanto, perceber a questão da falta de comprometimento elencada por Bauman ao longo de toda a narrativa: o personagem principal ao longo de toda a sua trajetória retrata o seu descomprometimento e desinteresse com as coisas mundanas e que o rodeiam: “Éramos uma nação de católicos, mas de católicos que não frequentavam igreja. Eu mesmo não ia a uma missa havia mais de 20 anos. E, no entanto, guardava enorme respeito à religião em que me formava. Gostava de ficar em silêncio na igreja, num momento em que estivesse deserta. “[...] Uma igreja, mesmo fechada, era uma mãe para interceder por nós.” (SANCHES NETO, 2008, p. 89) Poderíamos associar essa procura, ou auxílio momentâneo da religiosidade como um suporte para a sua solidão interna. Busca no divino por algo que pudesse confortar o seu ego ou personalidade. Conforto para a sua solidão que surge em decorrência do desapego. É como se o eu-lírico quisesse encontrar um sentido em algo inexplicável, a fim de se conformar com a sua realidade. Busca por um suporte materno divino. No

excerto a seguir fica evidente a troca de personalidades que o personagem sofre ao longo da narrativa: “Deitei no sofá e fiquei esperando a chegada de Jacinto. Ele se atrasou um tempo, mas nem percebi, estava me acostumando novamente àquele espaço onde eu tinha cultuado a solidão. Continuaría ali, pagando o aluguel para me isolar da cidade, agora que eu tinha conhecido a cidade?” (SANCHES NETO, 2008, p. 304).

### 3.1.2 O HOMEM E A CIDADE

Como já mencionado anteriormente, o personagem principal de *A Primeira Mulher* é um homem extremamente solitário que apesar de morar em uma cidade grande, agitada e cheia de pessoas circulando, afirma que o seu período preferido do ano é justamente quando ele pode finalmente sentir uma calma na grande cidade, ficar sozinho, sem o tumulto do dia a dia. O período de férias caracteriza-se por deixar uma cidade morta. E esse mês do ano (janeiro) era o mais esperado pelo autor, pois havia a “disponibilidade total para leituras, a ausência de compromissos, nenhuma companhia feminina, tempo para me dedicar ainda mais a mim mesmo. Gostava de sair a pé pelos bairros, observando as casas vazias, alarmes residenciais disparados, um ou outro carro.” (SANCHES NETO, 2008, p. 117)

Carlos Eduardo não menciona o nome da cidade em que vive, mas percebemos através de algumas descrições que é uma cidade grande, como vemos no trecho a seguir, onde se passa a cena de um jantar entre o Carlos e sua namorada Lírian:

- Por que você está me olhando?
- Não estou te olhando. Estou olhando as ovelhas que acabaram de se tosquiadas.
- Você está citando um poema árcade? com pastores e ovelhas?  
As minhas aulas não tinham sido tão inócuas quanto eu imaginara.
- Não, mas poderia ser. Nós estamos - olhei para a mesa posta - em um cenário árcade.
- E lá fora é a cidade moderna e poluída. (SANCHES NETO, 2008, P. 212)

Podemos associar, nesse trecho, a ideia de Carlos Eduardo sobre a cidade em que vive, e a sua casa como sendo um lugar antigo ou uma forma de se isolar desse caos. Teria então esse aspecto a ver com a era pós-industrialização, quando o caos passou a tomar conta das ruas. As pessoas passaram a se acostumar a ter uma vida agitada, morar em cidades grandes e estridentes, respirar poluição e caos todo dia. Com a modernização pensamos também na insignificância do homem. O próprio personagem discorre sobre o tema “Se vemos uma matéria sobre uma sonda em Marte acabamos pensando no lugar do homem do universo, na insignificância do planeta e na falta de sentido de nossa própria vida. Somos o início e o fim de todo pensamento. Eu estava me encontrando com coisas que julgava mortas.” (SANCHES NETO, 2008, p.169)

### 3.1.3 A LITERATURA

Outro fato interessante que podemos analisar no livro é a conexão estabelecida entre o protagonista e a literatura. Nesse item trataremos primeiramente sobre a relação que podemos instituir entre Carlos Eduardo e o consagrado escritor português Fernando Pessoa. Em segundo lugar abordaremos aqui o fato de que o personagem principal de *A Primeira Mulher* é um escritor literário inserido em um texto de ficção. Essa relação do próprio personagem estabelecida com a literatura faz menção ao processo moderno de narrativa ficcional, presente na literatura contemporânea e que se torna um processo auto-reflexivo denominado, como já mencionado anteriormente, metaficção.

Logo no começo da história, Miguel Sanches Neto opta por inserir em seu livro uma referência sobre Fernando Pessoa. O personagem principal de *A Primeira Mulher* conta que o homem que estaria supostamente chantageando a sua ex-namorada e deputada lia poemas do escritor português, como podemos ver no trecho a seguir: “O chantagista lia Fernando Pessoa e estava ali gritando os versos de “Poema em linha reta”. (SANCHES NETO, 2008. p.35). Como podemos constatar ao ler o poema<sup>2</sup>, observamos a identidade de um homem em crise, assim como relata Hall (1992). Um

---

2 Vide poema completo em anexo.

homem com diversas personalidades e que não consegue se encontrar, sem saber quem é ele mesmo. A identidade do homem moderno é para o teórico Hall algo móvel, e o homem pós-moderno não possui apenas uma, mas uma série delas. Além de fazer menção em suas primeiras linhas ao apelido do radialista Porrada, o poema ao todo também diz bastante sobre a vida do próprio Carlos Eduardo, como sendo aquele homem que passa por diversas personalidades, alienado, sem nunca se encontrar, se apegar a uma meta única, a um caminho. Ele apenas vive a vida despreocupado. Faz o que tem vontade de fazer. O único momento em que ele encontra uma significância, algo para seguir em frente, é quando sua ex-namorada Solange o pede para investigar a chantagem que a rodeia.

A partir da leitura do poema e do que foi mencionado anteriormente podemos inferir que não é apenas no começo do livro, mas conseguimos perceber essa conexão entre o poeta lusitano e o personagem ao longo de toda a história. Observemos o trecho a seguir, retirado do poema: “[...] Eu tantas vezes irresponsivelmente parasita, /Indesculpavelmente sujo, /Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho, /Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo, /Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas, [...]”

Como podemos observar no trecho a cima, Álvaro de Campos o heterônimo de Fernando Pessoa, se representa como sendo alguém entediado, despreocupado com a vida, consigo mesmo. O poeta aqui se mostra cheio de defeitos, percebe-se um eu lírico que passa por altos e baixos e mostra-se suscetível a derrotas, apresenta os seus defeitos talvez para se sentir melhor com relação à sociedade. Observamos então a crítica feita pelo eu lírico à sociedade de sua época. Percebemos então algumas semelhanças entre o Poema de Fernando Pessoa sob o heterônimo de Álvaro de Campos e o professor universitário Carlos Eduardo.

Constatamos também a existência dessa relação ao observar o sobrenome do professor universitário, e a forma como os seus alunos o chamavam. O nome completo do narrador é “Carlos Eduardo Pessoa”. Podemos verificar isso em uma conversa sobre a literatura de Carlos Eduardo com a sua ex-aluna Lírian:

– Nada morre na verdadeira literatura - Falseei o tom solene.

– E você sempre entrava acompanhado por algum grande escritor. Na sala, ninguém se referia a você como o Professor Carlos Eduardo Pessoa. Era sempre professor Pessoas. No plural. (SANCHES NETO, 2008, p. 213)

A partir desse trecho verificamos a relação estabelecida entre o apelido dado ao personagem principal e o grande poeta português Fernando Pessoa (como também os seus heterônimos). Fernando Pessoa participou do lançamento da Revista *Orpheu* em Portugal, iniciando o movimento modernista no país, que causou escândalo e muitas controvérsias na época. Há também o livro ortônimo de Fernando Pessoa, denominado *Mensagem*, que é considerado simbolista e modernista. O personagem principal da obra *A Primeira Mulher* também gosta de escrever poemas, e o autor Miguel Sanches Neto os inclui durante a sua história, vemos aí então uma relação entre Carlos Eduardo e Álvaro de Campos. Como pudemos perceber, o poeta português foi um escritor sensível à modernidade, reagindo a ela de modos distintos quando ele cria seus heterônimos que representam suas diversas épocas, ideias, vontades e personalidades.

Assim como no livro *Janela Secreta* de Stephen King, no qual o personagem principal do livro é escritor e está escrevendo uma obra. Ele possui diversos projetos engavetados, e ao longo do enredo notamos a inserção de diversos poemas criados por Carlos Eduardo que recheiam a história e se inserem e adequam de acordo com cada situação. Percebemos então como está inserida dentro desse livro a metaficção. O ato chamar a atenção sobre essa relação aqui constituída entre ficção e realidade, ela representa e explora a ficcionalidade.

#### 3.1.4 A SEXUALIDADE

A identidade do homem moderno que iremos tratar nesse capítulo é aquela concernente às relações interpessoais. Essa é a identidade que pode ser representada pelo fato de que o homem moderno opta, muitas vezes, por permanecer solitário, sem conseguir se manter em relações amorosas por muito tempo. São inúmeros divórcios e trocas de namorados(as), da mesma forma como trocamos de objetos. Essas trocas constantes corroboram a ideia de um indivíduo que não consegue se manter ligado a alguém por muito tempo, é um indivíduo despreocupado, desafeto e desapegado.

Bauman sustenta essa ideia em seu livro *Amor Líquido* (2004): “A era da modernidade líquida em que vivemos — um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível — é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, nosso parceiro ou a nós mesmos.” (BAUMAN, 2004, p. 4). Essa ideia descreve, como já vimos tantas vezes, o despreocupado personagem principal de *A Primeira Mulher*.

O tema da sexualidade do personagem está constantemente representado ao longo de toda a narrativa. Carlos Eduardo é um professor sedutor e viril, que gosta de se relacionar com suas alunas apenas para satisfazer os seus desejos e prazeres. Ao longo da narrativa encontramos diversos poemas escritos por ele que abordam o assunto do prazer que o contato com corpos femininos lhe proporciona, e o quanto ele cultua esse contato com corpos jovens e fascinantes.

A vantagem de sair com alunas é que os relacionamentos não duram mais do que uns poucos meses. Leciono apenas no último período do curso. Quando acabam as aulas, elas somem para sempre da minha vida, procurando companhias mais interessantes. Dessa forma, estou sozinho nas festas de fim de ano, e só depois do carnaval surgem oportunidades de distração com meninas 20 anos mais novas que eu. Loiras, morenas, magras, gordinhas, com ou sem espinhas, citam filósofos da moda ou cantam temas das telenovelas, mas são sempre a mesma mulher, assim como os vários relógios falsificados que compro são apenas um único relógio e, ao mesmo tempo, nenhum. (SANCHES NETO, 2008, p. 19)

A sexualidade, para o narrador, também está aparente nos mais diversos cenários e objetos:

Passei a tarde atirando em alvos, mas sempre com a imagem de Ângela naquela posição, e, em alguns instantes, segurando o revólver e mirando os círculos de papelão, acabei com o pau duro. O ato de atirar estava ligado à caça sexual. [...] Não desejamos apenas matar o outro, mas também abatê-lo sexualmente, e a arma dava ilusão de posse. (SANCHES NETO, 2008, p. 258).

Segundo Bauman essa noção antiquada e romântica de amor realmente tem desaparecido nos tempos atuais:

Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”: Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor. (BAUMAN, 2004, p. 10)

No excerto acima vemos a constatação de Bauman no que diz respeito à forma como a sociedade mudou a significação de amor e o que é amar. Não vemos mais aquela ideia de amor eterno e “até que a morte nos separe”; atualmente amar e fazer amor não é algo mais impermutável, e sim justamente o contrário, atualmente, apaixonar-se é algo decorrente de repetição. O amor vivenciado agora pode não ser o último.

### **3.2 CHÁ DAS CINCO COM O VAMPIRO**

O livro começou a ser polêmico desde o momento em que foi divulgada a possibilidade de que Miguel Sanches Neto escreveria um livro sobre a sua relação com Dalton Trevisan. O romance recebe uma classificação, é um *roman à clef*, ou seja, o autor trata de pessoas reais por meio de personagens com nomes fictícios. Por exemplo, Geraldo Trentini é o nome que Sanches Neto usou para o personagem de Dalton Trevisan.

A obra é dividida em vários capítulos intercalados entre episódios em Peabiru e Curitiba. Peabiru é a cidade natal de Roberto Nunes Filho, Beto é um aspirante a escritor. De origem humilde, nosso protagonista não tem uma relação boa com seu pai que tem problemas com o álcool, e a mãe ele suporta. Com Tia Ester o cenário é outro, afinal, Beto possui grande afinidade intelectual com ela, a qual o ensina o gosto pela literatura e o incentiva a ir para Curitiba começar sua carreira de escritor e iniciar a faculdade de Jornalismo.

Beto quer muito vir para Curitiba, principalmente após uma desilusão amorosa. Ele amava Martha, mas ela já era noiva de um fazendeiro e estudante de Agronomia de Campo Mourão. Mesmo com essa situação, Beto e Martha mantém um caso durante um tempo, após a última transa, quando eles vão a um motel, Martha resolve colocar

um ponto final da história dos dois, o que impulsiona a vinda de Beto para Curitiba. Pois sua amante prefere a vida confortável e socialmente estável em vez do sentimento por Beto, característica comum na pós-modernidade, essa característica já aparecia em romances anteriores, como por exemplo, de José de Alencar.

Na capital do estado do Paraná, o aspirante a escritor mora primeiramente com alguns colegas de sua cidade, mas posteriormente, com o aumento da mesada que sua Tia Ester mandava, alugou um apartamento para morar sozinho, e assim ter sua privacidade. Ele inicia a faculdade de Jornalismo, mas desiste logo no início pois não vê o porquê de aprender tudo aquilo. Com isso, Beto começa a trabalhar como crítico no jornal *O Diário*, e a partir desse trabalho começa a ganhar notoriedade como escritor e crítico.

### 3.2.1 A IDENTIDADE PÓS-MODERNA

Beto, desde o início do romance, mostra-se solitário. Mesmo quando ainda está na casa de seus pais, ele se tranca no quarto para fugir no universo que ele tanto odeia da casa dele.

“Não tenho amigos nem namoradas, e as espinhas vermelhas no rosto só aumentam a minha timidez. Comecei a passar as tardes lendo, mas o pai sempre está por perto, resmungando contra tudo.” (SANCHES NETO, 2010, p. 49). Neste trecho, observamos que o narrador-personagem está sozinho, pois não tem amigos e nem namoradas, a informação que temos é de quanto ainda mora em Peabiru, não é mencionado por ele nenhum amigo, apenas sabemos da namoradinha Martha. Durante esse tempo, suas relações se restringem aos pais, Tia Ester, Martha e o noivo desta.

“Perdido em casa, sem nenhum contato com a cidade, eu vivia como um ancião, isolado em livros.” (SANCHES NETO, 2010, p. 94). Beto encontra nos livros o meio para afastar-se da vida que tanto desprezava, como podemos observar no seguinte trecho:

[...] o pai sempre está por perto, ele reclama da casa bagunçada, as camas nunca permanecem em ordem. Se sento no banco do quintal, resmungo que ninguém tira o mato da grama, todos esperam por ele. Se entro no banheiro com um livro na mão, finge uma cólica e me acusa de impedi-lo de usar o vaso sanitário.

Vago pela casa, fugindo do grande filho da puta que não perde a oportunidade de me perturbar com seus argumentos de vítima. Quando estou mais nervoso, bato uma porta, xingo a vizinha que grita com os filhos, me irrita com os bêbedos da rua, tudo para atormentar meu pai.

A mãe, inchada e muda, perde-se pelos quartos, protegidos por cortinas espessas, evitando tomar partido. Quando o pai não está por perto, ela se aproxima e faz um carinho constrangido em meu cabelo, me chamando de nenê. Geralmente rejeito essas demonstrações clandestinas de afeto. (SANCHES NETO, 2010, p. 49)

Neste trecho, Beto descreve o ambiente da sua casa como desprezível, onde o pai só o incomoda e sua mãe é uma coitada, vítima de toda essa situação. Como a obra é uma projeção autobiográfica é importante dizer que Miguel Sanches Neto também travou uma batalha violenta com seu padrasto, pois ele, o padrasto, agricultor considerava perda de tempo ficar lendo, assim como a relação de Beto com seu pai. E quanto a descrição é sobre sua Tia Ester, o ambiente é sempre agradável e intelectual, diferente do ambiente ignorante que observamos na casa dos pais de Beto. E esse ambiente hostil que eles nos narram, justifica o porquê ele se isola.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Segundo Stuart Hall, o sujeito não tem apenas uma identidade, ele vai assumindo identidades diferentes, que nem sempre são relacionadas, mas tem relação com o ambiente em que esse sujeito está inserido. No caso de Beto, isso demonstra o porquê o protagonista comporta-se de forma diferenciada de acordo com o local em que está.

Sempre tive vergonha da minha casa, do sofá encardido onde o pai dormia, dos armários engordurados da cozinha, entre os quais minha mãe vagava

como uma turca velha, entretida com frituras e caldas. Nossos móveis eram feios e malcuidados.

Tia Ester morava numa casa muito melhor do que a nossa, que ela tinha reformado depois da morte do meu avô. Havia estantes com livros na sala, um conjunto de sofá recapado com couro bege, armários brancos na cozinha, cadeiras estofadas na sala de jantar. Toda renda das terras ela gastava na casa. Num dos quartos, ficava o escritório, com escrivaninha e armários de imbuia e uma máquina de escrever profissional. Orgulhava-me dela e gostaria que tivesse me adotado para que eu nunca mais visse meus pais. (SANCHES NETO, 2010, p. 94)

A descrição que o personagem faz das duas casas é bem diferente. A casa dos pais é um local pesado, como a gordura dos armários da cozinha, e como a sujeira do sofá onde seu pai deita. Em oposição à casa calma e organizada de Ester, da qual ele destaca o conforto e calma, como por exemplo, os armários brancos da cozinha, cor da paz. Sua tia é a mãe ideal, a que ele gostaria de ter, como podemos ver no final do trecho destacado, quando Beto diz que gostaria que sua tia o adotasse, pois é uma pessoa instruída e amante da literatura, muito diferente dos seus pais que são pessoas que não têm o costume de ler, inclusive, Beto é criticado pelo seu pai por esse amor aos livros. Ou seja, como colocado por Hall, o sujeito vai adaptando sua identidade, forma de se comportar, pois a identidade humana não é algo estável, pois está em constante mudança.

Com o desenrolar da história, observamos a desarticulação de identidades no aspirante a escritor, “Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e o que ele chama de ‘recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação’.” (LACLAU, 1967 *apud* HALL, 2006, p.5). Com a citação de Laclau, damos um salto na história, e deixamos Peabiru, e estamos em Curitiba. Beto, quando chega aqui, tenta de todas as formas fugir do seu passado e da sua família (pai e mãe). A primeira atitude dele é ser chamado apenas de Beto Nunes, deixando o sobrenome Filho para trás, negando assim uma relação com o pai.

De certa forma, Beto tem em Geraldo um modelo de personalidade; como sabemos, o último remeta a realidade de Dalton Trevisan. O autor tem o apelido de vampiro, como o personagem do romance também, e esse apelido deve-se ao costume que o famoso escritor paranaense tem de esconder-se, e por isso é pouco visto.

Recebe o apelido de vampiro, pois, segundo se conta, esses seres têm o costume noturno e também são pouco vistos, assim como Trevisan. Além disso, Roberto Nunes busca nos livros, que aprendeu a amar com sua tia, novas identidades. “Durante a leitura, eu não pertencia mais à minha história nem a meu corpo, experimentava novas identidades” (SANCHES NETO, 2010, p. 162). Nesse trecho, observamos a fuga de nosso personagem principal da sua realidade, a qual ele despreza, pois não suporta ter um pai bêbado, e, através dos livros, ele pode ter uma nova identidade, a que ele quiser, dos personagens do livro que está apreciando. Afinal, “Tudo que quero é não me ver como filho do meu pai, de Peabiru e de minha trajetória” (SANCHES NETO, 2010, p.165)

Mas, muitas vezes, Roberto tinha medo da solidão, e graças ao carro que ganhou da sua tia, poderia fugir disso “Em alguns momentos tinha medo da solidão e ia de carro a um bar da moda, pedia um suco e ficava olhando as pessoas.” (SANCHES NETO, 2010, p. 181). Nesse momento, ele busca fugir da solidão em bares da cidade, onde, no decorrer da história, consegue acompanhantes.

Em outro momento, quando Beto encontra-se com um dos seus colegas do universo literário e vai à casa dele, ele diz que gosta da sensação de se sentir em uma família. “Como Eva ainda é nova, eu não passaria por filho dela. Mas era bom me imaginar dentro de uma família, nem que fosse por um instante.” (SANCHES NETO, 2010, p. 204). Apesar de já estar um tempo longe de casa, em alguns momentos, Roberto sente falta de estar em família, e esse sentimento é mais forte quando ele vai a locais onde encontra essa estrutura familiar presente.

Embora algumas vezes nosso protagonista se deparasse com essa vontade de estar em família, podemos dizer que ele também gostava da solidão. “A solidão sem companhia me parece mais digna e isso me reconforta, limpando-me da comoção experimentada no confronto com o amor adolescente.” (SANCHES NETO, 2010, p. 232), nesta cena, Beto está voltando de um passeio pelo centro histórico de Curitiba quando para e observa um casal de adolescentes, e neste momento ele reflete sobre sua solidão, e percebe que depender de alguém é pior, e por isso, considera a solidão que vive confortável.

Quando Beto já escreve a um jornal como crítico literário, recebe um livro que lhe chama atenção pelo enredo

Já no início, o drama familiar me interessou. O narrador sai do interior brigado com o pai, chega a Curitiba com o sonho de encontrar uma nova figura paterna na universidade, mas, como estavam sob o regime militar, descobre nela o padrasto castrador. Como revolta, busca no Partido Comunista o substituto do pai, é preso e enviado ao Rio de Janeiro. Perde as ilusões revolucionárias, volta ao Paraná e passa a viver clandestinamente em Curitiba. (SANCHES NETO, 2010, p. 238)

Na sequência o narrador-protagonista admite que considera o livro bom, pois trata de seus próprios dramas.

Beto é uma pessoa que tem deslocamentos de identidade, como é definido por Stuart Hall (2006), pois ao mesmo tempo em que quer ter uma vida solitária sente falta do seio familiar, e até mesmo da proteção que essa vida em família pode lhe proporcionar.

### 3.2.2 O HOMEM E A CIDADE

Beto nasceu em Peabiru, mas desde que sua tia o encantou com as belezas de Curitiba, ele passou a ver a capital como a cidade dos sonhos, a cidade onde ele realizaria seu maior sonho, ser escritor.

Como a obra é escrita em primeira pessoa, temos uma narração do ambiente com muito sentimento. As descrições feitas pelo narrador são muito detalhadas e refletem os sentimentos dele no momento.

Quando ele está voltando da escola para casa, mas não quer encontrar seus pais na mesmice de sempre, fica caminhando pela cidade

Para evitar brigas, demoro pelas ruas, andando em busca de casas que pareçam mais organizadas do que a minha, coisa rara na cidade desleixada. Acabei descobrindo uma construção velha que, de repente, começa a ganhar vida. O telhado é lavado, as paredes são pintadas, conserta-se o muro e plantam grama e flores. Dois jovens planejam um futuro muito próximo. Acompanho com interesse a reforma e sempre os vejo vistoriando os serviços imersos no sonho da felicidade familiar. Depois desses passeios, volto com uma sensação estranha de plenitude [...]. (SANCHES NETO, 2010, p 51)

A falta de uma estrutura familiar considerada por ele boa faz falta, e ele somente se sente completo quando vê, em sua cidade, a casa sendo construída. Podemos dizer que a visão da construção dá a ele a sensação de esperança de talvez um dia ter uma vida assim com Martha, uma vida muito diferente da que vê em sua casa. Dando um salto no livro, na página 218, encontramos uma fala do narrador relatando que muitas vezes não é fácil manter a casa arrumada, o carro lavado, a melhor louça na mesa, então, para não revelar isso, muitos homens escolhiam os espaços públicos para encontrar as pessoas. Essa atitude se tornou comum a ele também, afinal, quando tinha que dar alguma entrevista não recebia ninguém em sua casa, combinava os encontros em locais públicos ou então em hotéis.

E por causa deste amor, podemos dizer que Beto acaba rompendo com a cidade onde nasceu “Aproveite; o sofrimento para romper com a cidade. Eu não tinha ânimo para romper com nada, se fosse preciso ficar a vida toda em Peabiru, eu ficaria.” (SANCHES NETO, 2010, p. 132). Se continuasse em sua cidade natal, ele continuaria vendo seu amor, Martha, mas ao lado de outro homem, o homem que não a fazia feliz, mas dava a segurança financeira que ela precisava.

Quando chega a Curitiba, o protagonista sente falta de sua cidade:

E já sinto saudade da sujeira de Peabiru, meio ofendido pela falta de poeira vermelha em Curitiba, assustado com os prédios altos, sem cor, lavados pela chuva displicente. Fiquei olhando as ruas, os carros novos, as casas com jardim, pessoas com capas de chuva e mulheres com botas – nunca antes tinha visto uma mulher com botas. Tudo negava o que eu conhecia como cidade. (SANCHES NETO, 2010, p.137)

A mudança de cidade assusta, mas ao mesmo tempo traz a oportunidade de Beto conhecer um novo mundo, um mundo cosmopolita com que sua tia tanto sonhava.

Quando tem contato com esse mundo, Beto quer apenas ficar como espectador. Prefere pegar seu livro e ficar em uma grande praça da capital somente observando as pessoas correndo de um lado para o outro.

No capítulo 1988, Tia Ester lhe envia uma carta falando que a cidade onde mora é insuportável, pois no local as pessoas apenas pensam no preço da soja e se vai chover na hora certa. Além de usarem camionetas de motor a diesel e botinas de sola

de pneu. Diz ainda que a cidade é triste, e que seu desejo era de se livrar da vida pacata do barulho dos caminhões que passam na rua.

O tempo passa e pela primeira vez Beto sente que realmente pertence a Curitiba, isso ocorre quando ele vai levar alguém até a rodoviária.

Durante a leitura, encontramos inúmeras referências a locais reais da cidade de Curitiba, principalmente no centro. Nesses locais, o protagonista enfim consegue um lar, longe daquele que tinha em casa, pois queria uma vida diferente, queria uma vida onde não pudesse repetir a história do seu pai, alguém que não teve sucesso na vida e apenas deixou os dias passarem. Em Curitiba, Beto poderia fugir disso, e ainda, nessa mesma cidade, encontrou sua maior inspiração literária, Geraldo Trentini.

### 3.2.3 A LITERATURA

O livro pode ser classificado como metaficcional, isso quer dizer que uma história é escrita dentro de outra história. E como já dito, Beto é um aspirante a escritor, que vem à Curitiba em busca do conhecimento de Geraldo Trentini, o enredo da obra é basicamente construído em cima da vinda do protagonista à capital paranaense para que assim ele possa ser um grande escritor, como sonha sua tia.

Beto inicia suas leituras graças a sua tia Ester, “Para realizar um sonho antigo, e se aproveitando da minha falta de interesse por qualquer outra coisa, tia Ester inventou de me encaminhar para a literatura, como se fosse meu destino.” (SANCHES NETO, 2010, p.13), nesse trecho, o narrador-personagem deixa claro que foi movido pela vontade de sua tia e não por vontade própria para sua iniciação na literatura. Na sequência, observamos que a tia projeta em seu sobrinho o que não pode fazer quando tinha a idade dele:

– Lá você poderá ser escritor - e não adiantava dizer para ela que eu não queria ser escritor que lia os livros que ela me emprestava apenas por falta do que fazer e que tudo o que desejava era um empreguinho para me livrar do meu pai. Tia Ester tinha colocado na cabeça que meu sonho era morar em Curitiba. Falei que detestava frio. E ela começou a me explicar que o clima de lá ia me ajudar a escrever. Você não vai sair muito de casa e assim poderá trabalhar em um grande livro. (SANCHES NETO, 2010, p. 17)

No excerto, constatamos que nosso personagem principal não tinha vontade de se aventurar na literatura, seu objetivo de vida era apenas ter um emprego, pois era o que a cidade em que ele morava permitia. Tia Ester transpôs para Beto seu sonho de se envolver com a literatura. Ela o incentiva a vir para Curitiba, e posteriormente o mantém na capital também. Inclusive, é de sua tia que Beto empresta os livros, e também, conversa sobre literatura.

Quando comecei a ler, meio obrigado, os livros de minha tia, ficava com raiva de ter de me isolar enquanto os amigos estavam jogando sinuca no Bar do Gordo [...]. Esvaziava o jarro antes de acabar um conto, e como lia meio deitado, logo estava dormindo, o livro aberto sobre a colcha, o gosto doce de fruta na boca. Ao acordar, retomava a leitura mas logo era obrigado a inventar algo para não cochilar, como cortar as unhas, engraxar os sapatos ou espremer cravos.

[...]

Tia Ester havia me indicado, depois de grandes elogios, A Morte de Ivan Ilitch, de Tolstoi.

- Uma obra-prima. Você vai aprender muito sobre relacionamentos humanos - me disse no dia em que me trouxe o livro. (SANCHES NETO, 2010, p. 26)

Beto vê-se obrigado a ler o que sua Tia indica, pois muitas vezes ele preferia estar no bar jogando sinuca com os amigos, mas depois começa a ler para fugir da mesmice da vida do interior.

Na sequência, o aspirante a escritor cita Gustave Flaubert, um famoso escritor francês que era o escritor preferido de Geraldo Trentini, ele não cita nenhuma obra específica. Um fato importante é que sempre que Beto fala de seu escritor inspiração, Geraldo, ressalta a sua busca incessante pela perfeição em seus textos, que são constantemente revisados.

Outro fato a ser destacado é a busca por assunto. Geraldo busca em suas conversas sempre achar algo para escrever um conto, Beto revela que muitas vezes, o vampiro paga pessoas, como uma psicóloga, para que ela conte as histórias que sabe sobre seus pacientes.

Em algumas situações, Beto utiliza a literatura como forma de descrição dos acontecimentos de sua vida. Por exemplo, quando o personagem se masturba com o

pão, ele usa o livro *Complexo de Portnoy* de Philip Roth, no qual o personagem tem relações com uma maçã e com um fígado, e ainda compara que no livro a relação era fria, já a dele, era quente.

Nos livros, ele também encontra as frases que gostaria de dizer para a namoradinha da época, Martha. “Levanto de madrugada e fico lendo, mas Martha não se apaga da minha memória. Grifo nos livros as frases que gostaria de mostrar para ela. E já nem penso em escrever. Só escrevemos quando a vida fica em segundo plano. A vida agora era Martha, e ela me solicitava, não deixando espaço para mais nada.” (SANCHES NETO, 2010, p. 122).

Em outro instante, ele declama um poema de Cacaso para Martha

quem vê minha namorada vestida  
 nem de longe imagina o corpo que ela tem  
 sua barriga é a praça onde os guerreiros se  
 reconciliam  
 delicadamente seus seios narram façanhas  
 inenarráveis  
 em versos como estes e quem  
 daria ser possuidora de tão belas omoplatas?  
  
 feliz de mim que frequento amiúde e quando  
 posso a buceta dela. (SANCHES NETO, 2010, p. 108-109)

Mesmo expondo a intimidade do casal, Martha apenas se preocupa em ser chamada de namorada. O poema utiliza palavras difíceis de entender, e dificilmente usadas, o que nos pode levar a acreditar que a menina não entendeu do que o poema tratava.

Agora, damos um salto na história. No capítulo nomeado de 1999, Roberto Nunes fala sobre a presença de Geraldo em sua literatura.

A presença de Geraldo Trentini em minha literatura tinha um efeito paralisante. Neste tipo de relação, o perigo é o da morte do interlocutor, transformado em mero discípulo. A história literária está cheia de exemplos de personalidades fortes que sufocam aqueles que vieram à sombra de uma produção maior. Era isso que estava acontecendo comigo. Ele estava me transmitindo sua doença. Os vínculos da amizade tinham desencadeado uma produção literária aproximativa. (SANCHES NETO, 2010, p. 125)

O aspirante revela que seus contos eram uma tentativa de reprodução. Afinal, autores com um estilo tão pessoal quanto o de Geraldo poderiam apenas ser imitados. E era o que Beto estava fazendo, mas existia outra parte dele que estava fugindo desse estilo. Ou seja, o deslocamento da identidade, ao mesmo tempo em que ele é seguidor de Geraldo, ele não é.

Alguns capítulos à frente, após seu término definitivo com Martha e sua vinda para Curitiba, Beto escreve um poema para Martha.

meu desejo é um marinheiro que  
 depois de longa estadia  
 no mar  
 desce num porto desconhecido  
 e busca se saciar  
 na ternura de todas as prostitutas que vê  
 e todas as prostitutas são você. (SANCHES NETO, 2010, p. 153)

O sobrinho de Ester escreve esse poema quando está no Passeio Público de Curitiba e observa as prostitutas à espera de clientes. E enquanto lê, lembra do corpo de Martha.

No capítulo nomeado 1988, a paixão pelos livros é o tema. Beto têm muitos livros em casa, e sempre está à procura de novos, o local preferido eram os sebos “Os sebos são os templos desta religião a que me converteram as palavras [...]” (SANCHES

NETO, 2010, p. 162). Os livros fascinam o discípulo de Geraldo, pois os livros o tiram da cidade e dão novas cidades, assim, ele consegue o que mais quer que é não se ver como o filho de seu pai, e sim fugir dessa realidade, e somente os livros lhe proporcionam tal viagem.

Em certo momento, o protagonista se compara a Augusto dos Anjos “Não gosto de Bilac; meu poeta predileto, além dos jovens que estou descobrindo, com Leminski e Cacaso, é Augusto dos Anjos [...]” (SANCHES NETO, 2010, p. 92), como é de conhecimento geral, Augusto dos Anjos não se encaixa nas caixinhas das escolas literárias, logo, quando Beto se compara a ele, é o mesmo que dizer que ele não encontra seu lugar na literatura. Não é clássico com Olavo Bilac, mas também não é moderno como Carlos Drummond de Andrade.

As referências literárias no livro são inúmeras. Beto usa a literatura para ilustrar seus momentos, sejam eles bons ou ruins. Além, é claro, da construção da sua própria obra dentro do livro.

### 3.2.4 A SEXUALIDADE

O romance, em seu segundo capítulo, já apresenta o início da sexualidade de Beto com Tia Ester

Quando eu tinha 13 anos, passei uma noite de chuva em sua casa. O quarto de visitas fora arrumado para mim, mas pedi para dormir com ela, na cama que havia sido dos meus avós. Ela disse nem sim nem não, apenas fui buscar meu travesseiro. Tirei a roupa e deitei só de cueca. Ela demorou tanto para chegar que acabei dormindo. Acordei de madrugada, encaixado em seu corpo. Passei a mão de leve na perna de tia Ester, sentindo a maciez do pijama de flanela. Lentamente, desci a peça de baixo. Ela se mexeu um pouco, como se estivesse acordando, e isso facilitou tudo. Depois abaixei sua calcinha, tirei a cueca e fiquei bem colado à sua bunda, fazendo movimentos suaves. Em poucos minutos, senti minha barriga grudada àquelas costas por um visgo e logo dormi. (SANCHES NETO, 2010, p. 14)

Nesse trecho, temos descrita a primeira possível relação de Beto, pois não é claro se ficou somente nisso. O que sabemos é que Beto teve aqui sua primeira experiência sexual.

Na sequência, ele retrata seu vício em masturbação, fazendo isso até com um pão. E inclusive na igreja, local sagrado, durante as orações, quando as mulheres ficam ajoelhadas, Beto só pensa em uma coisa: o bumbum das mulheres, e fica excitado.

Sua relação com Martha é muito sexual também, eles apenas se encontram para ir ao motel, pois o namorado dela não dá prazer para ela na cama. E depois do término entre eles, Beto continua tendo relações apenas sexuais, ele se satisfaz com garotas de programa, pois é mais fácil, afinal, não existe apego.

#### 4. CONCLUSÃO

Podemos perceber então, ao fazer uma comparação entre os personagens principais dos dois livros que ambos são sujeitos modernos desapegados, sem engajamentos e alienados. Ambos vivem nessa modernidade descrita como “Líquida” por Bauman. Uma sociedade onde os sujeitos se moldam ao meio e, ao se moldarem ao meio mudam de identidade, como descreve Hall. Conseguimos notar, portanto essa liquidez claramente apresentada nos sujeitos dos livros. Carlos Eduardo se molda conforme o meio, porém ainda continua sendo um indivíduo descomprometido, sem metas na vida. Beto, no início, também não possui objetivos, mas no decorrer da história observamos que ele assume os objetivos de vida de sua tia para si, ou seja, não tem objetivos próprios. Carlos Eduardo com seus projetos engavetados, sua troca de namoradas, seu desapego ao trabalho e até mesmo desafeto com a sua própria mãe é um homem que demonstra um claro descomprometimento com as pessoas e as coisas. Beto, como um homem desinteressado, que foge de sua cidade natal, também não procura manter vínculos amorosos, e há também o fato da existência no enredo de uma amizade entre discípulo e mestre que é quebrada e se transforma em guerra.

[...] Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados ... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos.(BAUMAN, 2001, p. 7)

Após todos esses indícios percebemos de forma clara a aplicação das teorias de Hall (2006), Bauman (2001)/(2004) e Berman (1986). As três se entrelaçam quando falamos sobre a falta de comprometimento e as mudanças de hábito desses sujeitos entediados. Como Bauman acentua em sua teoria, no tempo de Modernidade que vivemos tudo pode ser profanado e até mesmo o que construímos como sólido pode se desmanchar em nossos ares. Um mundo de constantes mudanças, evoluções, onde o capitalismo gera, segundo Bauman, uma luta de classes e por poder. E como coloca

Berman, nesse jogo de interesses somos seres líquidos e nos moldamos para uma sociedade interesseira e superficial, que vive de aparências. A superficialidade se torna assim um tema constante e aparente de nossa era. Segundo Bauman, somos então seres superficiais e também vivemos tempos Líquidos.

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 1992, p. 1)

Percebemos, então, a partir de todos os conceitos teóricos apresentados e das análises feitas aqui através desses personagens – sujeitos desses dois livros que são homens contemporâneos e desapegados – a forma como muitas noções sociais que tínhamos antigamente estão se modificando. A cada Era novas ideias, concepções e gostos surgem para moldar aquele novo tempo e caracterizá-lo como sendo único. Poderíamos dizer que atualmente os nossos vínculos pessoais estão um pouco mais soltos, livres. Um exemplo é como muitas vezes preferimos estar sozinhos e buscamos em outros objetos ou seres formas de sustentar nossa solidão. Parte de nós não possui mais apenas um tipo de amor eterno, mas nos conectamos e passamos por várias paixões. Muitos de soltaram daquela concepção adotada antigamente de contos de fadas sobre príncipes encantados, onde há um amor e uma união eterna. Tanto é que separar-se hoje em dia não é mais algo visto como impróprio, errado, mas esse ato passa a se tornar cotidiano, costumeiro. Acabamos por alienarmos a tantas coisas. Muitas vezes alguns sujeitos ainda diminuem sua capacidade de agir e pensar por si próprios. Estamos nos acostumando a essa nova realidade que a tecnologia e a atualidade nos proporcionam.

Como acentua Berman sobre o capitalismo e a burguesia, ambas aparecem como sendo algo essencial para cumprir o seu papel histórico. Assim como desde os tempos antigos e a Era romana, a burguesia não deixa de existir, ainda nos moldamos à sociedade, ainda somos influenciados pela burguesia. Porém, atualmente, somos cada vez mais líquidos, mais modificados, mais influenciados. Mudamos de identidade com mais frequência à medida que algo nos interessa, desperta a nossa atenção. A moda nos influencia, as redes sociais nos influenciam. Perdemos nossa própria identidade, nossos vínculos, confiança e aí encontramos nosso desapego. Acostumamo-nos ou criamos essas situações. Somos mesmo seres líquidos.

Esses dois sujeitos dos livros de Miguel Sanches Neto se enquadram então nas ideias de modernidade propostas por esses autores, assim como tantos outros personagens de livros nacionais poderiam se enquadrar. São esses seres desapegados, mudam de objetivos e não se prendem as coisas mundanas, apenas a sua própria literatura.

## 5. ANEXOS

### Poema em Linha Reta

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,

Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,

Indesculpavelmente sujo,

Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,

Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,

Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,

Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,

Que tenho sofrido enxovalhos e calado,

Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;

Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,

Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,

Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,

Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado

Para fora da possibilidade do soco;

Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,

Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo

Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,

Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana

Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;

Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,  
Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!  
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,  
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

**Fernando Pessoa**  
(Álvaro de Campos)

## 6. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CAVALCANTE, Marcio Balbino. **O conceito de pós-modernidade na sociedade atual**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilescola.com/geografia/o-conceito-posmodernidade-na-sociedade-atual.htm>>. Acesso em: 13 de jul. de 2014.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

Disponível em: <<http://miguelssanches.com.br/autor>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Narcissism narrative: The Metaficcional Paradox**. Disponível em: <<https://tspace.library.utoronto.ca/handle/1807/9456>> Acesso em: 13 de jul. de 2014.

KOBS, Verônica Daniel. **A metaficção e seus paradoxos: da desconstrução à reconstrução do mundo real/ficcional e das convenções literárias**. Disponível em: <[http://www.cristovaotezza.com.br/critica/trabalhos\\_acd/metaficcao\\_veronica\\_kolb.pdf](http://www.cristovaotezza.com.br/critica/trabalhos_acd/metaficcao_veronica_kolb.pdf)>. Acesso em: 11 dez. 2014.

MARTINS, Anna Faedrich. **A autoficção na literatura contemporânea**. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V\\_MOSTRA\\_PDF/Letras/83352-ANNA\\_FAEDRICH\\_MARTINS.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Letras/83352-ANNA_FAEDRICH_MARTINS.pdf)>. Acesso em: 13 de jul. de 2014.

PESSOA, Fernando. **Poema em Linha Reta.** Disponível em:  
<[http://www.releituras.com/fpessoa\\_linhareta.asp](http://www.releituras.com/fpessoa_linhareta.asp)> Acesso em: 13 de jul. de 2014.

SANCHES NETO, Miguel. **A Primeira Mulher.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

SANCHES NETO, Miguel . **Chá das Cinco com o Vampiro.** Ed. Objetiva, 2010.

SANCHES NETO, Miguel. Disponível em: <<http://miguelsanches.com.br/autor> > Acesso em: 13 de jul. de 2014.

SANCHES NETO, Miguel. Disponível em:  
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5583/miguel-sanches-neto>> Acesso em:  
13 de jul. de 2014

**Sobre o Individualismo.** Disponível em:  
<[http://web.upla.cl/revistafaro/n2/02\\_rossato.htm](http://web.upla.cl/revistafaro/n2/02_rossato.htm) > Acesso em: 13 de jul. de 2014.

REICHMANN, Brunilda. **O que é metaficção? Narrativa Narcisista: O paradoxo metaficcional, de Linda Hutcheon.** Disponível em:  
<<http://www.uniandrade.br/mestrado/pdf/publicacoes/metaficcao.pdf>> Acesso em: 13 de jul. de 2014.